

As Estimativas de Pobreza na América Latina são Confiáveis?

por Sanjay Reddy, Bernard College, Columbia University

Qual é o nível de pobreza monetária na América Latina e tem tal nível diminuído recentemente? As estimativas atuais são confiáveis?

A abordagem dominante de aferição da pobreza monetária, regional e globalmente, utiliza as linhas internacionais de pobreza do Banco Mundial de “um dólar diário” e “dois dólares diários” por pessoa. O Banco utiliza os indicadores de “paridade do poder de compra” (PPC) para converter essas linhas internacionais em moedas locais.

As estimativas do Banco para a América Latina sugerem que 8,6 por cento da população da região viviam em pobreza extrema (com menos de um dólar por dia) em 2004, enquanto 22,2 por cento viviam em pobreza (com menos de dois dólares por dia) (ver Tabela). Comparativamente, a pobreza extrema afetava 10,8 por cento da população da região em 1981, enquanto que a pobreza atingia 28,5 por cento.

O ritmo de redução da pobreza na América Latina foi, portanto, lento – mais lento do que no mundo inteiro. A porcentagem global de pobres caiu de 67 por cento em 1981 para 48 por cento em 2004, e a pobreza extrema caiu de 40 para 18 por cento.

Infelizmente, o método do Banco tem sérios problemas. O mais básico é a natureza arbitrária de sua abordagem de identificação dos pobres. Nos Estados Unidos, o país de referência para o estabelecimento dos limites internacionais de pobreza pelo Banco, mesmo os dois dólares diários não refletem os custos reais de satisfazer as necessidades básicas de um ser humano.

O ‘plano econômico-alimentar’ do Departamento de Agricultura dos EUA estima os custos dos alimentos a um nível muito superior aos 2 dólares diários por pessoa. Os ajustes pelos índices do PPC também distorcem os resultados, dado que os custos com os gêneros alimentícios (que são comercializados internacionalmente) são muito mais altos nos países em desenvolvimento do que este método (que atribui um grande peso aos baixos preços dos serviços naqueles países) sugere.

Felizmente, existe uma alternativa à abordagem do Banco, que são as estimativas de pobreza da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL). Apesar de suas próprias deficiências, a abordagem da CEPAL tenta, pelo menos, utilizar linhas de pobreza ancoradas na nutrição, que capta melhor os custos locais de adquirir gêneros alimentícios básicos. Portanto, capta melhor as verdadeiras necessidades dos seres humanos.

Porcentagem da População da América Latina sob Pobreza Extrema e Pobreza

Estimativas do Banco Mundial	1981	2004
Um dólar diário	10.8	8.6
Dois dólares diários	28.5	22.2
Estimativas da CEPAL	1990	2005
Linha inferior da pobreza	18.0	15.4
Linha superior da pobreza	41.0	39.8

Fonte: Reddy e Pogge.



As estimativas de pobreza da CEPAL para a América Latina são invariavelmente mais altas do que as do Banco. A CEPAL sugere que quase 40 por cento da população era pobre em 2005 (comparado com cerca de 22 por cento em 2004 para o Banco) e cerca de 15 por cento era extremamente pobre (comparado com os 8,6 por cento para o Banco).

O método da CEPAL possui, infelizmente, as suas próprias falhas. Parte do pressuposto, por exemplo, de que todos os domicílios têm a mesma composição demográfica. E, além disso, estima as necessidades não alimentares de uma forma *ad hoc*, de modo que os rendimentos para suprir tais necessidades variam amplamente entre os países. Uma terceira abordagem (de Reddy e Pogge, em breve) procura melhorar o método da CEPAL.

Esta abordagem alternativa visa a construir cuidadosamente linhas de pobreza para cada país baseadas em uma concepção comum ligada às reais necessidades dos seres humanos. Isto significa que cada linha nacional de pobreza refletiria as condições locais de custos para atingir um conjunto específico de capacidades humanas básicas universais. Contudo, as estimativas resultantes seriam comparáveis, pois as capacidades seriam definidas globalmente.

Um exemplo é oferecido pela capacidade de ser adequadamente nutrido. Neste caso, a linha de pobreza refletiria o custo local de adquirir bens de certo índice nutricional. Além de ser relevante localmente, tal linha de pobreza também tem um significado comum no espaço e no tempo.

Por conseguinte, seria possível – especialmente em contraste com o método do Banco Mundial – realizar comparações significativas e consistentes entre países. Tal abordagem elimina a necessidade do uso de indicadores PPC, que são invariavelmente arbitrários. Ao contrário, fortalece e coordena as estimativas nacionais de pobreza, através da aplicação de uma concepção comum e bem sustentada de pobreza em todos os países.

Referência:

Sanjay G. Reddy and Thomas Pogge (no prelo). 'How Not to Count the Poor', em J. Stiglitz, S. Anand and P. Segal (eds.) *Debates in the Measurement of Poverty*, Oxford: Oxford University Press. Disponível em <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=893159>.

O **Centro Internacional de Pobreza** (CIP) é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*, One Pagers e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:
www.undp-povertycentre.org